

## RESENHA - COLONIZAÇÃO OU DIÁSPORAS?

C.-G. SCHWENTZEL (ORG.), M. DANA, ST.LEBRETON, FR.PRÊTEUX,  
*LES DIÁSPORAS GRECQUES VIII-III S. PARIS, ATLANDE, 2012, 446 PÁGINAS.*



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i1.1496>

*José Antonio Dabdab Trabulsi*

Professor Titular de História Antiga UFMG

[dabdabtrabulsi@fafich.ufmg.br](mailto:dabdabtrabulsi@fafich.ufmg.br)



Recebido em: 02/04/2015 – Aceito em 13/05/2015

### Introdução

Este livro é publicado na coleção “Clefs concours”, série de História antiga, que tem como público-alvo os candidatos aos concursos franceses, especialmente a “Agrégation” e o “CAPES”, os principais concursos nacionais de recrutamento de professores para a carreira do magistério na França. A coleção adota os temas anuais dos concursos e se propõe a oferecer sínteses sobre a questão, em livros que incorporam os avanços mais recentes da pesquisa da área. Na introdução (pp. 15-56), os autores (os quatro são “maîtres de conférences” respectivamente nas universidades de Valenciennes, Paris I, Artois e Paris IV) fazem uma ótima apresentação dos objetivos do livro, das questões de abordagem da questão, dos debates historiográficos, da necessidade de renovar o assunto à luz dos últimos vinte anos de pesquisas inovadoras. Eles passam em revista teorias e debates, consideram a questão das causas da partida, elaboram uma concepção dos “atores” da expansão, refletem acerca das “modalidades de instalação”, pensam a questão em termos geográficos, abordam o “devir dessas comunidades”, e levam em conta “suas consequências na própria Grécia”. A ênfase principal do livro é a abordagem em termos de “diásporas”, e não de “colonização”, a multiplicidade dos motivos da expansão, e suas modalidades, o vai e vem das influências recíprocas, a recusa em hierarquizar as culturas entre grega e não gregas, a recusa em adotar o tom de denúncia da colonização em termos de rapina. Ou seja, a aspiração a uma abordagem “neutra” da questão.

A primeira parte do livro (“Repères”, pp. 57-158) examina as bases da questão. Em “O meio e os homens” (pp. 59-84), temos uma análise detalhada do espaço, dos territórios e dos habitantes; o quadro geográfico do “*essaimage*” grego no Mediterrâneo (eles evitam o termo “colonização”), a paisagem e o clima, com a diferença muito grande entre o mundo do Ponto Euxino e o restante do Mediterrâneo. Temos uma apresentação mais convencional acerca da escolha do local de fundação, mas uma explicação menos banal sobre a ocorrência de catástrofes naturais (erupções, tremores de terra). A organização do território e a partilha de terras, o urbanismo e o habitat são explorados, com uma boa discussão sobre o caráter igualitário da partilha do solo (e das razões que acabavam resultando em desigualdades). Eles fazem estimativas demográficas, a partir de cálculos das superfícies e das populações. Os autores fazem um uso moderado e crítico do “Shotgun Method” (“o método do fuzil da caça”), proposto por M. Hansen, que muitas vezes chega a resultados próximos das avaliações arqueológicas clássicas (algumas cidades excepcionais, de até 300000 habitantes, como Siracusa, e uma massa de cidades de 5000 ou 10000 habitantes). O aporte inicial (200 ou 300 colonos no início), reforçado por

outros que chegam mais tarde (homens ou, num segundo momento, mulheres), casamentos mistos com moças do local. Em geral, resulta da apresentação a imagem de um mundo “colonial” como um universo rico, mais rico do que a Grécia metropolitana, principalmente a Grécia continental.

Em “Espaços e regiões” (pp. 85-100), eles pensam a noção de diáspora, e fazem uma apresentação dos espaços em questão, das colunas de Héacles até o vale do Indo, mostrando uma orientação dominante, horizontal (Oeste-Leste), do espaço. Eles explicam a evolução dos conhecimentos geográficos, da *Odisséia* até Eratóstenes, passando por Hecateu, Heródoto e outros autores. Eles examinam os circuitos de comunicação marítima e os itinerários de navegação, apoiando-se muitas vezes nos trabalhos de P. Arnaud, e adotando uma posição média entre os partidários do “tudo pela cabotagem” e os partidários de uma navegação de alto mar frequente senão predominante. Eles explicam também as etapas e a evolução da construção naval, mostrando a época da colonização arcaica como o momento das maiores inovações em matéria de construção naval (penteconteras, dieras, e trirremes).

Em “A época arcaica e a colonização” (pp. 10-120), os autores retomam a distinção entre duas fases: uma primeira fase (775-675) mais voltada para a Magna Grécia e a busca de terras férteis (e também o abastecimento em metais); e outra, mais tardia (650-550), mais diversificada em seus destinos (Mar Negro, Cirenaica, Gália, Espanha), mais variada em suas modalidades (muitos *emporía*), cidades menos independentes das metrópoles. Eles fornecem explicações detalhadas sobre a organização da partida, sobre o papel do oikista, sobre o recrutamento dos que partiriam (voluntários ou não), sobre a instalação, sobre a partilha da terra. Eles também examinam a instalação dos deuses; os santuários e suas relações com a soberania, a mediação cultural, a apropriação do território (com muito recurso aos trabalhos de F. de Polignac). É curioso notar que eles retomam, nessa parte do livro, a terminologia da “colonização”; e isso de forma intensiva e sem nuance, enquanto que no início do livro eles haviam insistido sobre a necessidade de relativizar tal noção. O tema do livro (as diásporas gregas) permite aos autores uma abordagem da época clássica (“O mundo clássico”, pp. 121-135) mais rica do que a visão em termos de “colonização”, que não poderia deixar de indicar certo “vazio” entre o arcaísmo e a época helenística. Assim, a grande mobilidade humana no interior da *arché* ateniense (*hellespontophylakes*, *épimélètes*, *phrouarques*), a fundação de Thourioi, as clerúquias, os “expatriados” em geral entram mais facilmente nos quadros da diáspora (por vezes temporária, é verdade). Eles integram também aí o nascimento de um pan-helenismo político que pensa a expansão dos gregos como um meio de desviá-los do conflito interno entre gregos. Os autores também integram aí a filosofia e seus projetos de cidade ideal que se inspiraram muito na experiência histórica dessas diásporas, seus sucessos, suas dificuldades, seus impasses. Em “O nascimento do mundo helenístico” (pp. 137-148), eles passam muito mais tempo apresentando a trama dos acontecimentos. Certa atenção é dedicada ao papel do rei *ktistès*, rei fundador, segundo o modelo de Alexandre. Eles apresentam em seguida um pouco mais detalhadamente Alexandria e as fundações selêucidas (poleis novas; colônias militares; refundações de aglomerações autóctones com acréscimo de novos bairros para os colonos gregos). Em seguida, eles se limitam a situar algumas das fundações das satrapias mais distantes na Ásia.

Eles passam então aos “Atores” (pp. 149-158). Nessas páginas que encerram a primeira parte do livro, os autores passam em revista certos agentes dessa “mobilidade” (mais do que “diáspora”) dos gregos: as cidades, sobretudo na época arcaica, os reis, sobretudo na época helenística; os grandes santuários (Delfos em relação às orientações de fundação e pela frequência intensa, Olímpia sobretudo pela frequência, inclusive de muitos gregos das colônias que são repertoriados como vencedores nos jogos); os autores incluem aí os estrangeiros em viagem e os metecos, assim como a atração que exerciam as es-

colas filosóficas e, mais tarde, as bibliotecas). Em função disso tudo, há certo número de repetições em relação aos capítulos precedentes.

A segunda parte do livro se refere aos “Thèmes” (pp. 159-349), e começa com “As motivações dos colonos” (pp. 161-184), onde os autores passam em revista as explicações antigas e recentes sobre os móveis da colonização. Eles começam com a sténochoria e com o crescimento demográfico, prosseguem com a crise social nas cidades arcaicas, com o papel crucial das partilhas de sucessão, e as ambições cada vez maiores de prestígio e de riqueza por parte dos nobres; as lutas políticas violentas desembocando em exílios numerosos; as causas comerciais, a sede de metais ou a ameaça persa na Ásia Menor. Eles explicam em seguida longamente as teses de N. Purcell, que tendem a minimizar o corte entre a Idade Obscura e o arcaísmo, situando a expansão grega no prosseguimento lógico da migração para a Jônia, e explicando-a, sobretudo, em relação com a necessidade de uma acomodação “ecológica” das populações em solos pobres, assim como sua integração forte nos poderosos conjuntos de poder do Oriente Próximo, considerando os gregos, assim como os fenícios, como uma espécie de “posto avançado” dos grandes impérios orientais. No que se refere à época helenística, eles voltam a teses mais convencionais sobre a iniciativa real e, mais tarde, o mimetismo e o desejo de helenização por parte de certas populações dos reinos helenísticos.

Um capítulo especialmente rico e variado vem em seguida, com “O universo religioso das diásporas gregas (mitos e cultos)” (pp. 185-219). É um exame detalhado do papel do oráculo de Delfos na colonização arcaica, de Apolo enquanto *archégète*, de uma verdadeira “política internacional” do oráculo délfico. Temos em seguida uma boa apresentação da figura do oikista, sua identidade, seu papel na fundação, sua memória e seu culto enquanto fundador. Eles examinam também os mitos e as lendas de fundação e, em especial, o papel de Hércules enquanto herói civilizador; mas também as lendas cretenses, os *nostoi*, as aventuras dos Argonautas e as tradições mais propriamente “históricas”. Uma grande atenção é dedicada aos cultos das diásporas, as divindades “importadas” da metrópole, os espaços sagrados, as relações complexas entre cultos e identidades, por meio da assimilação das divindades locais e das inovações religiosas no meio colonial. No que se refere, em seguida, à época helenística, eles explicam a atração dos gregos pelos cultos egípcios e certa helenização dos deuses locais (mas só para uso grego; os egípcios continuam com os seus deuses, e com os nomes egípcios desses deuses). A situação no Oriente Próximo, na Anatólia, e na Ásia Central é apresentada de forma mais resumida. O que impressiona aqui é a riqueza e a variedade dos exemplos, e a utilização exaustiva que é feita da vasta bibliografia sobre a questão.

Outro capítulo muito rico é o que versa sobre “Parentescos e identidades” (pp. 221-258), no qual eles examinam a ligação com a metrópole, o pedido de ajuda eventual lançado em direção à metrópole (mas também, por vezes, o pedido de ajuda da metrópole dirigido à colônia). Os laços culturais são muito importantes: instituições, calendários, a onomástica, são muitas vezes calcados nos da metrópole (ainda que com muitas alterações). A língua também é muito específica (antes da formação da *koinè* grega). Nas relações entre cidades, o vocabulário do parentesco é constante: a evocação do parentesco na diplomacia das cidades cria uma espécie de obrigação moral, gera laços políticos fortes, mantém ou cria uma identidade comum. Tudo isso se efetua nos quadros de uma enorme mobilidade, mobilidade, no início, “centralizada” pelo oráculo de Delfos (de forma real ou imaginária, na origem ou *a posteriori*); mas com um papel importante de outros santuários também. Os autores expõem também a incrível criatividade colonial em todos os campos: língua e escrita, intelectuais e escritores brilhantes que figuraram entre os mais famosos de toda a cultura grega. Em outra seção, os autores estudam

os mesmos fatores no novo contexto da época helenística.

Um dos capítulos em que o esforço de renovação da abordagem (em termos de “diásporas”) é mais bem sucedido é o capítulo sobre “Gregos e não gregos nos espaços das diásporas” (pp. 259-293). Os autores aí examinam o encontro com as populações locais, desde os contatos da época pré-colonial. As relações conflituosas são bem examinadas, assim como os exemplos de relacionamento pacífico, e isso é feito detalhadamente, região por região; o mesmo é feito para as relações “negociadas”, que desembocaram num “viver junto” favorável ao comércio e às trocas. Há uma preocupação constante dos autores em evitar qualquer hierarquização entre culturas grega e não gregas. Isso é especialmente bem feito no exame do impacto da cultura grega, na adoção de práticas gregas, nos costumes, na arte, no alfabeto, na língua. Eles desenvolvem, em relação a tudo isso, uma boa discussão sobre os conceitos de “cultura mestiça” e “perda de identidade”. As mesmas qualidades são encontradas no exame da época helenística, com um exame à parte de cada um dos reinos. Explicações especialmente interessantes são fornecidas sobre a “poliadição” desejada pelas elites locais, sobre as relações entre reis gregos e cleros locais, assim como sobre o caráter pontual (e não frequente) da resistência à instalação dos gregos.

Ao longo de todo o livro, os autores insistem muito no papel da busca dos metais na expansão grega; eles voltam ao tema mais detidamente num capítulo sobre “A exploração dos recursos” (pp. 295-323). Mas também tratam, é claro, dos cereais, dos recursos da pesca e outros. Eles se apoiam na arqueologia e seus resultados recentes para fornecerem um quadro bem detalhado da organização do território e do cadastramento, com pontos de vista muito interessantes acerca da definição de da “reserva” de lotes de terra para os futuros imigrantes. Os recursos do artesanato, têxtil e de construção naval em particular, completam a explicação. As questões referentes ao *emporion* são bem explicadas, em especial a natureza diferente (o *emporion* não é uma polis) em relação à *apoikia*, e a possível influência fenícia nessa prática grega. Para a época helenística, a monetarização crescente, os bancos, a presença de clerucos gregos, as novidades econômicas introduzidas no Egito, são as principais preocupações. O exame da mobilidade em geral é o que mais diferencia este livro dos livros clássicos sobre a colonização. Então, é muito naturalmente por este assunto que o livro termina (“Mobilidades e trocas”, pp. 323-349). O ideal grego de autarcia, antigo e real, foi muitas vezes contrariado pelas necessidades, que levaram às trocas. As variações entre as regiões (sobretudo clima e pluviometria) conduziram a isso. Eles examinam os locais de comércio (a *agora*, o porto e suas instalações, o *emporion*); os atores do comércio e os grandes fluxos de trocas, o desenvolvimento das atividades bancárias. A mobilidade dos indivíduos é examinada em suas dimensões mais variadas: os *emporoi* e os *nauklèroi*, as mobilidades intelectuais e atléticas, o mercenariado, um dos principais vetores das diásporas, segundo eles.

O livro tem no final um conjunto de complementos (“Outils”): descrição dos lugares, das personagens, em longos parágrafos ou até páginas inteiras; uma cronologia; vários mapas muito úteis; uma bibliografia rica e atualizada.

O livro é muito completo, muito agradável de ser lido ou consultado, com muitos envios de uma seção para outra do texto, interessantes para quem está preparando um concurso. O livro foi escrito por quatro autores (sem indicação de quem escreveu cada capítulo; ou seja, é de responsabilidade coletiva sobre o conjunto do texto), o que levou a certo número de repetições; mas não ao ponto de incomodar a leitura. Há uma vontade de tudo explicar e de tudo dizer, que faz com que o livro seja mais descritivo do que interpretativo; o que é, sem dúvida, um pouco a limitação desses livros “outils à concours”. Mas podemos dizer que temos aqui uma síntese útil, atualizada, sobre um tema antigo (a “colonização”) revisto e alargado de acordo com uma nova perspectiva (“as diásporas”). Ele corresponde, do ponto de